

## De Aristóteles à contemporaneidade: uma arquitetônica da beleza /

### *From Aristotle to contemporaneity: an architectural of beauty*

Elaine Pereira Daróz\*

Doutora em Estudos de Linguagem (UFF) com estágio doutoral pela Université Sorbonne Nouvelle, Paris III. Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (USP/FFCLRP - FAPESP). Mestre em Ciências da Linguagem pela Unicap. Atualmente, é pesquisadora do ESTARTE – Estética, Arte e Imagem em discurso, pela UNAERP.

 <https://orcid.org/0000-0001-6084-7850>

**Recebido em:** 19 fev. 2021. **Aprovado em:** 19 abr. 2021.

#### Como citar este artigo:

DARÓZ, Elaine Pereira. De Aristóteles à contemporaneidade: uma arquitetônica da beleza. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 144 - 161, set. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10058820>

#### RESUMO

A temática da beleza, e em especial da beleza feminina, tem sido significada sob diferentes vertentes históricas e teóricas. *Pari passu* aos procedimentos de estética, cirúrgicos ou não, crescem também os debates acadêmicos sobre esse significante. Neste trabalho, propomos uma reflexão acerca do papel da memória bem como suas implicações no imaginário do feminino da atualidade. A partir dos pressupostos teórico-analíticos da Análise do discurso de linha francesa (Pêcheux), tomamos uma histórico-discursiva para pensar os movimentos de deslizamentos / deslocamentos de “beleza” ao longo dos tempos, a fim de uma desnaturalização dos sentidos sobre esse significante, tendo em vista a historicidade a ele inerente. Trazemos, para tanto, o conceito de Arquitetônica, de Aristóteles, e desenvolvemos alguns gestos de interpretação acerca dos efeitos de sentidos sobre o feminino em expressões artísticas ao a partir de um recorte temporal que abarca a Antiguidade clássica, Renascimento e, então, século XX e, ainda, o ressoar desses sentidos na atualidade. Ao longo de nossas reflexões, consideramos o corpo enquanto lugar de memória que direciona sentidos e convocam os sujeitos contemporâneos a ocuparem os seus lugares pré-determinados ideologicamente na esfera social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Beleza; mulher; Análise do discurso; Memória.

#### ABSTRACT

*The theme of beauty, and especially of female beauty, has been signified under different historical and theoretical perspectives. Pari passu to aesthetic procedures, surgical or not, academic debates about this signifier also grow. In this work, we propose a reflection on the role of memory as well as its implications in the imagination of the feminine of today. Based on the theoretical-analytical assumptions of the Discourse Analysis of the French line (Pêcheux), we take a historical-discursive perspective to think about the movements of slips / displacements of “beauty” over time,*

\*

 [lainedaroz@gmail.com](mailto:lainedaroz@gmail.com)

*in order to denaturalize the meanings about this signifier, in view of the inherent historicity. We bring, for that, the concept of Architectural, by Aristotle, and we developed some gestures of interpretation about the effects of meanings on the feminine in artistic expressions when starting from a time frame that includes Antiquity classical, Renaissance and, then, the 20th century and, still, the resonance of these senses today. Throughout our reflections, we consider the body as a place of memory that directs meanings and calls contemporary subjects to occupy their ideologically predetermined places in the social sphere.*

**KEYWORDS:** Language Teacher Education; Curriculum; English.

## 1 Introdução

*“Beleza é seguir padrões ditados pelos outros”<sup>1</sup>*

Atualmente, o significante “beleza” parece estar intrinsecamente ligado a determinados ditames sociais que nos trazem à memória um modo de ser sujeito, e particularmente um modo de ser mulher, historicamente regularizado no Ocidente.

Essa temática não ficou alheia aos estudiosos do passado. A Grécia, significada como o berço da civilização ocidental, nos traz “pistas”, ou mesmo padrões de (ou para a) mulher naturalizados por meio de normas que regulavam os espaços em que as mulheres poderiam ocupar na esfera social; de expressões artísticas, em especial nos vasos de cerâmica que, embora usados cotidianamente, naturalizavam um *modus vivendi* de uma elite grega – direcionando o lugar que a mulher devia, ou não, ocupar naquela sociedade – bem como pinturas e esculturas de gênios das artes que ressaltavam as formas da mulher, e não só, que perdurariam ao longo dos tempos. Na esteira dos embates acerca de temáticas de relevância social à época, os debates filosóficos não se furtaram a tal temática, e também discursivizaram sobre esse significante.

Consideramos que essas formas de dizer sobre a mulher ao longo dos tempos regularizam uma memória do dizer sobre o feminino na atualidade. Seguindo os passos dos embates filosóficos da Grécia Antiga, propomos neste trabalho uma reflexão acerca do papel da memória bem como suas implicações no imaginário do feminino da atualidade. Para tanto, nos aportamos dos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa (PÊCHEUX 1969;

---

<sup>1</sup> A epígrafe consta de uma entrevista ao médico cirurgião plástico e especialista em cirurgia reparadora, Jorge Cassano, acerca dos padrões de beleza impostos no seio social e os seus efeitos às mulheres na atualidade. Vale dizer que, possivelmente por conviver excessivamente com tais efeitos, podendo, alguns, serem considerados até mesmo danos à saúde feminina – física e psicológica – o médico se contrapõe ao uso excessivo de procedimentos estéticos, ainda que minimamente invasivos, opondo-se a tais recursos em determinados contextos.

1975; 1983) – doravante AD – em especial no que tange à noção de discurso concebido como efeito de sentidos (PÊCHEUX, 1988 [1975]) que se regularizam no seio social pelo viés da reprodução dos sentidos concernentes à ideologia vigente no seio social.

Sendo assim, tomamos o nosso gesto de leitura de discursos sobre o feminino, materializados em esculturas e pinturas da Grécia Antiga aos dias atuais, para pensarmos uma arquitetônica da beleza que direciona sujeitos e instaura práticas, produzindo os seus efeitos. Nesse nosso gesto, levamos em consideração em atenção às regularidades inerentes aos dizeres sobre (e para) a mulher ao longo dos tempos, tendo em vista as repetições, deslizamentos e deslocamentos possíveis dos sentidos sobre a beleza feminina, naturalizados historicamente.

A AD é uma disciplina que se floresce no entremeio de três áreas do conhecimento, a saber: Linguística, História e Psicanálise, proporcionando, assim, novas possibilidades de leitura a saberes, e fazeres, cristalizados na sociedade, com vistas à transformação das práticas sociais. Nesse contexto, tomamos uma abordagem histórico-discursiva a fim de proporcionar uma desnaturalização dos sentidos sobre o significante “beleza”, tendo em vista a historicidade dos sentidos nele inerentes, a fim de abrir novos gestos possíveis de leitura acerca dessa temática e, sobretudo, possibilidades de instaurar novas práticas sociais.

## 2 Beleza e historicidade numa abordagem histórico-discursiva

O corpo feminino é significado pela arte desde tempos imemoráveis, e neste sentido faz-se importante compreender o que diferentes pensadores e artistas pensaram a respeito da noção de beleza na arte e na estética.

No interesse pela busca da perfeição – base do pensamento clássico – para Platão (1981), o conceito de arte, assim como o de belo, associava-se à *Mimesis* que seria a imitação do universo perceptível. Contudo, Platão e Aristóteles valoravam de maneiras diferentes esse processo de representação artística: se para o primeiro a *Mimesis* era negativa e perigosa, para o segundo era desejável. Em *A República* (2004, p. 397), o filósofo grego afirma “[...] por conseguinte, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, a que parece, é pelo fato de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição [...]”. Logo, para Platão, o próprio mundo material era *mimesis* do mundo verdadeiro, perfeito e belo,

que para ele era o mundo das ideias. Quando o artista copiava o mundo material colocando na pintura, a poesia, no teatro, na escultura, na arquitetura enfim, uma imitação de outra materialidade, ele produzia uma *mimesis* da *Mimesis*. Na filosofia platônica, a arte é uma ideia distante da verdade e, por isso, incapaz de representar a beleza genuína das coisas e do ser. Dito de outra forma, arte e beleza não se correspondiam para o filósofo grego, ao contrário, escondia a beleza.

Já para Aristóteles, discípulo de Platão, a *Mimesis* artística perde a conotação negativa, deixando de ser só uma tentativa de representação do belo para ser também uma fonte de catarse e prazer. Como o autor afirma em Poética,

[...] Sinal disto é o que acontece na experiência: nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, [as representações de] animais ferozes e [de] cadáveres [...] (ARISTÓTELES, 2000, p. 106-107)

Sob esse ponto de reflexão, a beleza não é inatingível, tampouco inverossímil, visto que é uma fabricação humana e reside em cada um de nós. O belo, então, seria a junção de harmonia e equilíbrio como elementos preponderantes tanto para as artes como para a arquitetura. À época, a representação do belo, em seus padrões estéticos pré-definidos, foi retratada, inclusive, sob a forma de mulher; como no caso de Afrodite, a primeira mulher despida até então representada (figura 1).

**Figura 1:** Representação de mulher por Cnido (no século IV a.C)



Fonte: Site Grécia Antiga. Disponível em: <http://greciantiga.org/img.asp?num=0456b>.

A partir desses filósofos, observamos que a compreensão da natureza da beleza constituía as bases do pensamento grego. Uma pré-ocupação que ultrapassou as ágoras e se materializou, muitas vezes, nas artes, passando por uma ressignificação dos sentidos até então discursivizados pelos pensadores Platão e Aristóteles, tornando uma espécie de atributo à mulher. Sob esse viés, Afrodite – Vênus, para os gregos – tornou-se o símbolo de feminilidade desejada, ou até mesmo requerida, à época. Como exemplo da determinação desses sentidos nas práticas sociais, lembramos que as mulheres atenienses que tinham como alguns dos seus ofícios o autocuidado, isto é, momentos de dedicação à estética de um corpo não apenas saudável como também aprazível aos olhares masculinos, sobretudo, dos seus companheiros. Para tanto, roupas, perfumes, unguentos eram cuidadosamente escolhidos para cada ocasião<sup>2</sup>.

Como podemos observar, desde Platão e Aristóteles o conceito de Belo foi sendo ressignificado ao longo dos tempos e recebeu diferentes contornos. Na Idade Média, por exemplo, a beleza, em especial a beleza feminina, era comparada à Virgem Maria, seguindo, assim, o ideal de divindade ao imaginário feminino como os gregos. No entanto, com proporções de pouca saliência nos seios, lábios e quadris, à mulher era exigida a prática do ascetismo –

---

<sup>2</sup> Para um maior aprofundamento dessas questões, sugerimos a leitura do artigo “Grécia antiga à contemporaneidade: reflexões sobre o lugar da mulher em uma perspectiva discursiva” (DARÓZ; ABRAHÃO e SOUSA, 2020), no qual desenvolvemos uma reflexão sobre o lugar da mulher na sociedade Antiguidade Clássica, tomado como recorte Esparta e Atenas, duas cidades-estados de grande relevância para a sociedade da época, cujos sentidos, pensamos, ressoam nos dias atuais.

doutrina religiosa que propagava valores de desprezo ao corpo – enquanto aos homens era desejado o cuidado com os cabelos, unhas, pele e corpo em geral (LHERMEY, 2015).

Entretanto, com o Renascimento (XIV-XVII) e o culto ao corpo, a estetização do corpo feminino volta a ser envolvida por certo racionalismo que libertava o belo da ideia do sagrado, promovendo a retomada de padrões concernentes aos greco-romanos. Nesse contexto, o início da Idade Moderna estaria marcado, portanto, pela retomada da Antiguidade Clássica na arte renascentista, que se dá num jogo de cor e brilho, pela qual a evidência da forma, humana inclusive, se mostra em um conjunto de fatores que implicam proporção, ordem, tamanho, unidade e clareza (GOMBRICH, 1999), como vemos na pintura de Botticelli, retratada na figura 2 a seguir.

**Figura 2:** *O nascimento de Vênus* (1485) – Sandro Botticelli



**Fonte:** Site História das Artes. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-nascimento-de-venus-sandro-botticelli/>.

Após o período medieval, cujas práticas artísticas e literárias eram, em sua maioria, voltadas para o divino, a obra renascentista *O nascimento de Vênus* (figura 2) é considerada

uma das principais representações e personificações de beleza da (e para a<sup>3</sup>) mulher à época. A fecundidade e a maternidade deixam de ser os únicos atributos positivos do corpo da mulher que passa a ser estetizado a partir de uma idealização do feminino.

O aprimoramento das técnicas e o rebuscamento na proporção, simetria e formas mais realísticas possíveis, contribuíram para o surgimento dos mecenas, produzindo artes valiosas, muitas vezes encomendadas pela elite renascentista.

Ultrapassando os seus limites intra-muros, as obras renascentistas tornaram-se universais e passaram a direcionar, então, padrões a serem seguidos não somente àquela sociedade como também às demais sociedades latinas, tornando-se símbolo de requinte e bom gosto<sup>4</sup>. Por uma naturalização dos sentidos sobre uma padronização de beleza da (e para a) mulher, tais obras regulavam uma memória sobre o corpo feminino, num ideal do ser feminino por meio de atributos como sensualidade e jovialidade, delicadeza. Além disso, a comercialização das pinturas, esculturas sobre o feminino contribuíam para a precificação não apenas as obras, como também dos sujeitos que as adquiriam. Visto o seu elevado preço, os nobres e a elite burguesa podiam encomendá-las; assim, a sua comercialização não só contribuiu para um imaginário de requinte e sofisticação àqueles que a possuíam, como também disseminava práticas discursivas concernentes à estética, ética, moral, costumes à época, em especial concernente à mulher.

Numa abordagem discursiva, compreende-se que o discurso é constitutivamente ideológico, um lugar pelo qual se materializam as lutas de classe e se (des)regularizam os sentidos a serem (re)produzidos, concernentes à ideologia dominante. Isto porque, segundo Althusser (1967, p.242), “a ideologia é o cimento da sociedade, indispensável para transformar os homens e pô-los em condições de responder às exigências de suas condições de existência”, cuja função é de organizar – por meio de normas e regras essenciais à conduta social – e induzir os membros da sociedade a aceitarem, sem resistências, as tarefas que lhes são atribuídas.

Numa sociedade capitalista, a precificação das obras realizadas por artistas talentosos, e em grande parte famosos, confere um *status* tanto à obra quanto a quem a possui. Nessa valoração de sujeitos e objetos, regula-se uma memória do dizer sobre modos de ser e,

---

<sup>3</sup> Ao trazermos aqui o jogo de palavras entre da mulher, e para a mulher, marcamos alguns dos diferentes efeitos de sentidos possíveis acerca das práticas discursivas e sociais que não apenas delimitavam uma padronização para o feminino como também direcionavam o lugar que a mulher poderia (ou deveria) ocupar na vida social.

<sup>4</sup> Sentidos esses que perduram aos dias atuais em diversas sociedades, fomentando estudos e discussões em diversas áreas, como: Artes, Antropologia, Sociologia, Moda, Estudos da Linguagem dentre outros.

sobretudo, um modo de ser mulher em sociedade, especialmente na sociedade ocidental, condizente a um padrão majoritariamente elitista.

A partir das contribuições dos estudos althusserianos, Pêcheux (1988 [1975]) assevera que é próprio da ideologia dissimular o seu funcionamento sob uma ilusão de verdade absoluta. Pelo viés da repetibilidade, os sentidos condizentes com a ideologia dominante se fixam na esfera social, proporcionando uma naturalização de determinados sentidos, enquanto sentidos outros são silenciados. A reprodução/naturalização desses sentidos regulariza uma memória discursiva, com vistas a sua materialização nas práticas dos sujeitos.

De acordo com o autor (PÊCHEUX, 1999 [1983]), a memória discursiva é inerente a todo processo discursivo, operando como uma base do dizer. Retomados por uma reprodução dos sentidos, os dizeres já-ditos anteriormente e relativamente estáveis se atualizam no fio do discurso. A atualização dos dizeres ocorre na medida em que são retomados em condições de produção do dizer específicas, implicando o contexto sócio-histórico inerente a cada tempo e cada sociedade, bem como as posições dos sujeitos que enunciam. Sob esse viés, a memória pode ser concebida como um elo norteador dos discursos que, por um movimento de desestruturação-reestruturação dos sentidos, constitutivo da relação constitutiva entre sujeito e língua, possibilita novas formas de dizer e, por conseguinte, novas práticas.

Segundo Pêcheux (1999[1983]), a reprodução, ou transformação dos sentidos já naturalizados no seio social, está intrinsecamente ligada à identificação, ou não, dos sujeitos aos sentidos da ideologia vigente. As expressões artísticas não possuem valor em si mesmas e por si mesmas, são valoradas a partir de uma posição do sujeito no discurso e precificadas a partir dessa mesma posição – geralmente concernente à uma elite – operando, desse modo, como uma memória do dizer sobre as obras bem como sobre os sujeitos que as possuem. A retratação de mulheres em tais obras opera no sentido de regular uma memória do dizer no seio social acerca de padrões que não só definem apenas a estética artística, mas também naturalizam os modos de ser sujeito e, em especial, o modo de ser mulher.

A partir de padrões estéticos específicos pautados em inovações técnicas e científicas, a arte renascentista primava pela valorização das potencialidades humanas, abrindo possibilidades de novas reconfigurações estéticas, e não só, à época vindoura por meio de um espírito crítico. Nesse contexto, o itinerário elitista, no qual a arte francesa desponta com preponderância sobre as demais nações, será confrontado por diversas correntes artísticas, principalmente o dadaísmo, ainda que tal contestação resulte em artistas de confrontação

enriquecidos pela própria arte que contestavam anteriormente, como podemos observar na obra do artista Pablo Picasso, na figura 3.

**Figura 3:** *Femme nue couchée* (1936)



**Fonte:** Arquivo pessoal. Musée Pompidou – Paris.

Em sua obra *Femme nue couchée* (Mulher nua deitada<sup>5</sup>), o pintor vanguardista exacerba as proporções da mulher que, num jogo de cores luz e sombra, é exposta em padrões tidos como não convencionais. Sob esse aspecto, a pintura se marca por um deslocamento de sentidos acerca do (corpo) feminino à época que se despontava. E, assim, confrontando os sentidos sobre a mulher, naturalizados socialmente, o pintor cubista abre caminhos não apenas para novas formas do fazer artístico, como também para uma reestruturação do papel da mulher na esfera social.

Seguindo os passos dos movimentos vanguardistas europeus do século XX, inúmeros artistas – como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti dentre outros – tomaram uma posição de contra-identificação (PÊCHEUX, 1988 [1975]) – isto é, confronto, questionamento – aos sentidos/saberes inerentes à ideologia vigente, capitalista. No Brasil, a semana da Arte Moderna (1922) foi um importante movimento de contracultura até então estabelecida à época, por meio de uma revolução estética, direcionando para um movimento identitário no Brasil por meio de diferentes expressões artísticas, tais como: dança, música, poesia, pinturas, esculturas dentre outras.

<sup>5</sup> Em tradução livre da autora em português do Brasil: Mulher nua deitada.

Uma das grandes contribuições da Semana da Arte Moderna para o país – também conhecida como Semana 22 – foi a divulgação e popularização das Artes, promovendo, com isso, uma transformação do contexto artístico em território nacional. Dessa forma, a Semana 22 foi um movimento marcante para uma revisão de valores da arte e discussões intelectuais de diversos níveis no país, contribuindo para uma re-significação de valores e, por conseguinte, uma re-estruturação de uma memória sobre a arte, sobre o Brasil e sobre os brasileiros.

Isso é passível de acontecer porque, segundo Pêcheux (1999 [1983] p. 56), a memória é um “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. Assim, foi também sob a forma de um contra-discurso que a marca de gastronomia nacional, *Spoletto*, promoveu em 2019 uma campanha em suas lojas, disponibilizando louças – pratos, especificamente – com releitura de pinturas famosas. A seguir, na figura 4, podemos observar imaginariamente a deusa Vênus envolta no macarrão, em uma releitura da obra *O nascimento de Vênus*, de Boticelli.

**Figura 4:** Vênus envolta no macarrão (2019)



**Fonte:** Arquivo pessoal.

A marca *Spoletto*, que traz em seu *slogan* uma “paixão à italiana<sup>6</sup>”, é um conjunto de lojas que fornecem refeições – diferentes tipos de massas, saladas e sobremesas – individuais a preços relativamente acessíveis a considerada classe média da população brasileira num estilo designado pela empresa como *fast-casual*, onde as pessoas escolhem, a funcionários ali disponíveis, molhos e acompanhamentos para a sua massa/salada de forma prática e rápida.

Em uma das promoções da empresa, a releitura da deusa Vênus, agora envolta num macarrão e com possíveis acompanhamentos como azeitona, champignon dentre outros – Figura 4 – foi uma pintura decorativa do prato ofertado a preço simbólico<sup>7</sup>. A retomada de uma memória concernente à consagrada obra renascentista a partir de uma releitura, faz emergir a relevância da Antiguidade Clássica – visto que se refere a uma deusa greco-romana – significada como berço da civilização ocidental. Além disso, coloca-nos a pensar nos efeitos de sentidos, e em especial aqui em nossa reflexão os sentidos sobre a mulher à época, por uma releitura, ou seja, por deslocamentos de sentidos regularizados ao longo dos tempos.

Seguindo a tendência da renovação das artes e aprofundamento de (novos?) valores em território nacional, produz-se (novos?) gestos de interpretação acerca dos efeitos de sentidos sobre (e para a) mulher na sociedade.

Em qualquer das possibilidades delineadas para o conceito de beleza até então aqui pensadas a partir dessas materialidades discursivas, quer pintura, escultura ou objeto decorativo, observamos que há uma naturalização desse significante posto em relação a uma forma e proporção determinadas. Tomando em atenção o contexto sócio-histórico dos sentidos de beleza feminina naturalizados em nossa sociedade, retomamos o conceito de arquetônica, de Aristóteles, para pensarmos, em certa medida, numa arquetônica da beleza na atualidade.

### 3 O Belo e o Bem como princípio primordial de (e para) todas as coisas: algumas reflexões acerca da Arquetônica aristotélica

A arquetônica é considerada por muitos estudiosos um conceito fundamental da filosofia aristotélica e, por conseguinte, do pensamento grego.

Em sua obra *Ética a Nicômaco* (1985), considerada como um texto fundador para os estudos filosóficos, e não só, Aristóteles afirma que a ética, enquanto ciência prática, visa “o

<sup>6</sup> Fonte disponível em < <https://www.spoletto.com.br/o-spoletto/>>. Acesso em 06 jan 2021.

<sup>7</sup> Embora outras figuras ilustres também fossem contempladas em seus pratos, como Frida Khalo, interessa-nos aqui pensar os efeitos de sentidos da retomada da Antiguidade Clássica na atualidade, em uma releitura.

estudo das vidas felizes de contemplação e de liderança política, das virtudes, da amizade e do prazer.” (COOPER, 2010, p. 439). Nesse contexto, a arquitetônica é concebida pelo filósofo como uma ciência política que visa o bem da comunidade cuja finalidade maior seria a felicidade, o bom viver, como uma instância do Bem supremo. Dessa forma, a arquitetônica é considerada a “arte mestra” em relação às demais artes e ciências, na medida em que implica o bem viver tanto no nível individual – para um cidadão da *pólis*, para a sua família – quanto para o coletivo – comunidade, cidade.

Na relação entre ética e política, Bini afirma que

Para o Estagirita, a ética tratou da ação e do bem no âmbito do indivíduo, é apenas uma ciência prática acessória e subordinada à política, a ciência prática maior; na medida em que o ser humano é um animal político, isto é, **tem sua essência e se atualiza e realiza-se em ato** (*energeia*) exclusiva e necessariamente na vida em sociedade no estado, o bem mais excelente, o nobre e o justo acabam por ser objetos da política e não da ética. Ontologicamente, **o indivíduo isolado não é**, não existe, embora exista biologicamente e psicologicamente, determinando a necessidade da ética. (BINI, 2007, p. 38, grifo nosso)

Em *Política* (1988), Aristóteles afirma o caráter social do homem, bem como a sua condição de linguagem e, sobretudo da comunicação, o que o torna um animal político, diferentemente dos demais. Isso porque, segundo o filósofo (ARISTÓTELES, 2000), é por meio da linguagem que podemos persuadir, convencer, endereçar as investigações, objeções a outrem; potencialidade que capacita o homem dizer de si, ou seja, o homem que é. No entanto, ao mesmo tempo em que a linguagem permite o homem dizer de si, ou seja, das determinações do ser, ela também o afasta do ser em si, da essência do ser.

Em *Metafísica* (ARISTÓTELES, 1969), o autor afirma que é o pensamento /linguagem que agrega ou separa “quer a essência do sujeito, quer o fato de possuir ele qualidade, quantidade ou algum outro atributo” (ARISTÓTELES, 1969). Para o filósofo, o Ser em si existe enquanto ato e potência, ou seja, cada coisa tem um potencial, uma possibilidade de vir a ser. A potência, assim, só se efetiva enquanto o ato. Logo, o que conjuga as duas formas possui, para o autor, a arte da arquitetônica.

Nessa relação, a substância é o gênero supremo, visto que é “aquele algo que primariamente é, do qual tudo mais é predicado” (ARISTÓTELES, 1969). Por isso, deve ser compreendida em seu duplo aspecto: material e formal. Considerando que é a forma que

individua a matéria – exemplo da escultura no bronze – ela é concebida como o princípio, enquanto a matéria é o seu elemento constituinte.

Ainda segundo Aristóteles, a substância é o princípio de todas as coisas e possui uma essência enquanto seu fundamento. Com efeito, observamos que, para o autor, a essência é o elemento fundamental de todas as coisas, sendo a substância – enquanto forma e matéria – a sua realização. Sob esse viés, a junção do belo, em forma, e o bem, em potencialidade, é condição primordial para alcançar a beleza em si, enquanto essência do ser. É justamente o equilíbrio entre os elementos dessa mesma substância que a torna uma arquitetônica, ou seja, uma “arte suprema”; o encontro com a perfeição e, portanto, com a felicidade.

#### 4 A (in)felicidade a partir de uma arquitetônica da beleza nos tempos atuais

Os sentidos concernentes à mulher, materializados em diversas formas de artes, como pintura, escultura e até mesmo na literatura por meio dos contos mitológicos, que se fixaram na esfera social em gerações posteriores, regularizavam uma memória de mulher delicada, fisionomia angelical, corpo esbelto. No entanto, observamos que a deusa envolta no macarrão produz novos efeitos de sentidos para a mulher contemporânea, e em especial o seu corpo, considerando que massas, ou seja, carboidratos, não fazem parte, de um modo geral, de uma dieta para a manutenção de um corpo esbelto, dito em forma; desejo de tantas mulheres na atualidade.

Com os inúmeros apelos a um corpo perfeito, discursivizado pela mídia – *online* e *offline* – por meio de modelos femininas, em especial, aquisição de cosméticos supostamente milagrosos etc, en-formar-se é o que deseja muitas mulheres nos dias atuais. Para isso, independentemente da idade – e cada dia mais prematuramente – inúmeras mulheres recorrem a intervenções cirúrgicas e não poupam sacrifícios, inclusive financeiros, para encaixarem-se nos padrões ditados, e naturalizados em nossa sociedade brasileira.

Segundo os últimos dados divulgados da ISAPS – *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* – o Brasil liderou o ranking de países com o maior número de cirurgia plástica estética no mundo com aproximadamente 1.498.000 procedimentos cirúrgicos no ano de 2018<sup>8</sup>, além dos procedimentos não cirúrgicos. Dentre as cirurgias estéticas mais realizadas no país, estão: redução de mamas, aumento de mamas com implantação de silicone, lipoaspiração,

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2019/12/ISAPS-Global-Survey-2018-Press-Release-Portuguese.pdf>> Acesso em 06 jan 2021.

aumento de nádegas com transferência de gordura corporal, reconstrução do hímen, cirurgia íntima para estetização vaginal entre outras.

Dentre os procedimentos não cirúrgicos, o Brasil continua a avançar no consumo de produtos estéticos que visa a tratamentos de beleza, bem como maquiagens com tecnologias cada vez mais sofisticadas e, em grande parte, com ativos à base de ácido hialurônico tornaram-se um “sonho de consumo” da maioria das mulheres a fim de obterem a afirmação da feminilidade e, sobretudo, jovialidade, bem como a suposta obtenção do sucesso social.

Numa abordagem discursiva, o sujeito é constitutivamente incompleto, na medida em que há desde-sempre uma falta que o impele ao desejo, que o faz desejar na ilusão de se satisfazer em meio a uma suposta completude. Face os ditames da moda, e da mídia, encaixar-se em determinadas características estéticas é o que deseja muitas mulheres, operando em seus corpos uma supostamente voluntária em abnegação de si mesma (DARÓZ; LOZANO, 2020) para atenderem aos padrões de beleza significados muitas vezes como universais e que, por isso, excluem todas as demais possibilidades de beleza, e do Belo.

Como podemos observar, história e memória se entrecruzam por meio de discursos e práticas que regulam um imaginário de rosto e corpo convencionados a partir de regras e padrões ditados socialmente. Sob o efeito de um funcionamento ideológico que visa à estetização do corpo enquanto um fim em si mesmo, na busca de um corpo perfeito e, por conseguinte, de uma suposta perfeição e completude. Práticas discursivas e sociais que regulam uma memória do (e sobre o) corpo na atualidade: corpos ditos sarados – não necessariamente são – cujas proporções e simetrias regulam uma memória do/no corpo, e em especial sobre o corpo feminino, tomando-o, então, enquanto um lugar de memória para os sujeitos contemporâneos.

Nora (1984) designa lugares de memória determinadas unidades de significação constituídas por elementos materiais – museus, arquivos, monumentos, logradouros – e imateriais os que se constituem na forma simbólica – rituais religiosos, dança. De acordo com o autor, o que se coloca em questão é a regularidade com que retoma na história a partir do seu entrecruzamento com uma memória. Ainda segundo Nora,

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13)

A partir de nossas análises e reflexões, podemos observar que o corpo tal como moldado e requerido nos dias atuais é constitutivo de fragmentos e restos de discursos e práticas historicamente instauradas e naturalizadas no seio social. Um corpo regido e regrado por princípios e regras com vistas ao ideário de pertencimento a uma determinada camada social (elite) – visto que os custos dos procedimentos estéticos são, em geral, expressivos – a um determinado grupo – de um modo geral, jovem, já que os procedimentos, em sua maioria, prometem a jovialidade duradoura – aos (fisicamente) semelhantes – considerando que muitos procedimentos moldam corpos quase idênticos, em apagamento das características pessoais e individuais inerentes aos sujeitos. Em suma, um corpo enquanto lugar de memória que determina sentidos sobre os sujeitos bem como os seus lugares na esfera social, a partir de uma lógica capitalista do mercado, visando não apenas a comercialização de produtos como também uma objetificação – e precificação – de sujeitos.

#### **Ainda algumas considerações finais**

Historicamente, a mulher foi discursivizada sob o olhar masculino. E, assim, as expressões artísticas, os contos literários, por exemplo, produziam efeitos de sentidos sobre a mulher a partir de um imaginário do feminino apazível aos olhos, sobretudo, aos olhares masculinos. Naturalizada ao longo dos tempos por meio de uma memória do dizer, tais discursividades contribuíram para um ideal de beleza significado como universal determinando, assim, os padrões para ser bela, visto que tais dizeres, em grande parte, regularizam sentidos para a mulher na sociedade.

Como podemos observar ao longo das reflexões postas neste artigo, não foi sempre assim. Entre os filósofos pré-socráticos, como vimos, a beleza era entendida a partir de atributos como proporção e simetria. Para Platão, a beleza era superior a todas as ideias e relacionada ao amor. Na compreensão do homem como animal social, que vive na polis e nela se constitui, Aristóteles traz a primeira ideia de Arquitetônica, como base do bem viver, plantando a semente da vida em sociedade e da importância da linguagem na vida humana. Na sua arquitetura, a arte magistrae, o Belo estava relacionado à virtude, ao bom e ao verdadeiro, à ordem, elementos fundamentais para a realização e felicidade.

Como podemos observar, o conceito de belo foi construído culturalmente e, como um efeito ideológico, foi naturalizado ao longo dos tempos sob um discurso machista que não delimita apenas um modo de ser do (sobre o) feminino, reduzindo-o ao físico, ao corpo, como também direcionam o lugar da mulher no seio social. Se por um lado supostamente abrem-se portas à mulher significada como bela, por outro, é essa mesma mulher bela que, muitas vezes, não “pode” ocupar determinados espaços, vestir-se como lhe apraz, sob pena de ser tomada de assalto e ter seu corpo desrespeitado, e até mesmo violado. Portanto, os discursos sobre a beleza feminina estão atrelados as suas condições de produção e, como tal, refletem as relações de gênero e suas posições sociais em seus diferentes contextos históricos.

Delimitar, por meio de padrões e regras, o que a mulher deve ter, saber e fazer para se tornar bela, pautados em aspectos meramente estéticos, contribui para fomentar o consumismo, desejável na sociedade capitalista. Além disso, tais discursos contribuem, ainda, para o reducionismo do ser mulher (como) objeto, valioso mensurado apenas esteticamente.

Os discursos mercadológicos amplamente divulgados na mídia, em seus diferentes níveis, as cirurgias estéticas – mais ou menos invasivas – a cosmetologia, a farmacologia, contribuem para o aprimoramento de técnicas que podem tanto suavizar ou aprimorar traços genéticos, como também para a fabricação de uma beleza padronizada. Na atualidade, a naturalização de uma estética padronizada é uma idealização do Belo a partir de atributos físicos, contribui, também, para uma pseudoarquitetônica da beleza que ao tempo que satisfaz uma lógica capitalista que fomenta o consumismo sob promessa de uma (im)possibilidade de ser (ou de ter), direcionando os sujeitos a um domesticado, submisso e subjugado em busca da satisfação e felicidade.

Na prática, no entanto, percebe-se um crescente índice de depressão, compulsão em sujeitos, em especial mulheres, que enchem os consultórios médicos em busca de medicalização para suas angústias resultantes de uma infelicidade que tem como alguma de suas causas os padrões socialmente ditados, que operam a partir de um ritual ideológico – ilusório, portanto, – e perverso.

Em seu livro *Semântica e discurso*, Pêcheux ([1975]1988) afirma que é próprio da ideologia mascarar o seu funcionamento na linguagem sob a via da reprodução/naturalização de sentidos condizentes com a ideologia vigente que, em nosso caso, é a capitalista. Na mesma obra, o autor afirma, ainda, que, entretanto, não há ritual sem falhas, visto que a resistência é constitutiva do sujeito.

Considerando o papel da memória enquanto elemento norteador na reestruturação dos sentidos e, por conseguinte, na transformação das práticas sociais (PÊCHEUX, [1983]1999), a partir de nossas reflexões, buscamos promover um gesto de leitura aos discursos acerca da beleza que contribuem para a hierarquização das relações sociais e reduzem à mulher a uma divindade e /ou, mais frequentemente, a um objeto a ser consumido.

Trazendo à memória a lógica aristotélica e sua arquitetônica, vale ressaltar que neste artigo não tratamos de demonizar a busca pela beleza estética, visto que, para o filósofo, o Belo se realiza enquanto conjunção da matéria e da forma inerente à substância, e só se realiza genuinamente no encontro com a sua essência, como vimos anteriormente. O nosso gesto de leitura nas análises aqui trazidas, assim como nossas reflexões, se realiza na perspectiva de fomentar novos debates sobre essa temática, promovendo, na medida do possível, novas práticas sociais. A nosso pensar, urge a necessidade de debates concernentes à questão da ética médica e midiática, e não só, bem como o desenvolvimento de políticas públicas que coíbam práticas abusivas e propagandas enganosas, em especial no que concerne à mulher e o seu corpo enquanto lugar de memória sobre si e sua história, e, sobretudo, enquanto realização.

A nosso pensar, se “beleza” pode ser também significado como “seguir padrões ditados pelos outros”, como nos diz o enunciado em nossa epígrafe, que seja, então, a partir de uma arquitetônica que visa o bem estar – individual e social – e que promova o encontro consigo mesma.

#### **CRedit**

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: DARÓZ, Elaine Pereira.

#### **Referências**

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1967.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

- ARISTÓTELES. Poética. Lisboa , Imprensa Nacional - Casa da Moeda , 2000.
- ARISTÓTELES. Retórica das Paixões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BINI, Edson. Notas. In: ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Bauru: Edipro, 2007.
- COOPER, John Milton. A comunidade política e o bem supremo. In: ZINGANO, M. Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles. Textos selecionados. São Paulo: Odysseus, 2010.
- DARÓZ; Elaine Pereira; ABRAHÃO E SOUSA, Lucília Maria. Da Grécia antiga à contemporaneidade: reflexões sobre o lugar da mulher em uma perspectiva discursiva. In: DARÓZ; Elaine Pereira (Orgs). Tramas, linhas e bordados:O feminino em discurso. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- DARÓZ; Elaine Pereira.; LOZANO, Melissa Frangella. Efeitos de memória no post(e): sentidos sobre o corpo da mulher. In: DARÓZ, E. P. (Orgs). Tramas, linhas e bordados:O feminino em discurso. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- LHERMEY, Claire. La femme médiévale au quotidien. Éditions Équinoxe. La Massane – Les Joncades Basse, 2015.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. La République, Paris. Gallimard, 1984.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise.; HACK, Tony (Orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999 [1983].
- REBELO, Ana Cecília Trindade. Mulher de Nova, Mulher de Fases: o jogo da vida nas páginas de Cosmopolitan Brasil. Dissertação de Mestrado defendida em 25/01/2017. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.